

DEPOIMENTOS

O papel das relações públicas na indústria de electricidade dos nossos dias

JOSÉ CORRÊA FIGUEIRA

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa

No momento que atravessamos muitos gestores já imolaram as «Relações Públicas» no altar da austeridade económica. Julgamos que essa atitude se deve mais ao desconhecimento do que efectivamente são as «Relações Públicas», do que a uma decisão resultante duma reflexão consciente.

Por isso, é bom começar por lembrar que a principal preocupação das «Relações Públicas» na indústria de electricidade é a de possibilitar que o público tenha conhecimento do conjunto dos meios humanos, financeiros e técnicos, mobilizados pela indústria, a fim de pôr à disposição da colectividade, de maneira permanente, a energia eléctrica necessária. Essa preocupação vai mesmo ao ponto de orientar os consumidores no sentido de tirarem o melhor proveito da energia eléctrica com o mínimo gasto.

Por aqui se vê que as «Relações Públicas» constituem, de facto, a actividade mais adequada ao desenvolvimento da participação consciente do público nos problemas duma indústria básica que a todos diz respeito e daí a sua especial importância na actual sociedade portuguesa.

As «Relações Públicas» aparecem-nos frequentemente definidas como a ciência de «bien faire et bien le faire savoir». Para nós, esta definição parece-nos válida, na medida em que aponta as finalidades fundamentais daquela actividade — oferecer um serviço de qualidade e dar uma informação que crie uma imagem exacta desse serviço.

As «Relações Públicas» servem-se de meios apropriados no prosseguimento da sua vocação. Para ilustrar esta afirmação basta pensar que ela utiliza a informação, em todas as suas formas, como um instrumento necessário à realidade das tarefas que lhe compete. E, a informação, como é do conhecimento de todos, é, hoje em dia, objecto de estudo cuidadoso por parte de múltiplas ciências e técnicas. Podemos, pois, concluir que as «Relações Públicas» são, no seio das organizações, um serviço cada vez mais imprescindível para fazer fluir a informação com todas as suas vantagens.

Na indústria de electricidade, o papel das «Relações Públicas» alarga-se e toma vulto, à medida que as empresas, nacionalizadas ou não, públicas ou privadas, de produção e transporte ou de distribuição de energia eléctrica, são hostilizadas. Como formas de hostilização vêm-se desenvolver movimentos de prosélitos do ambiente que incitam as pessoas e os grupos, de toda a espécie, a opor-se à construção de novas centrais produtoras de electricidade ou ao estabelecimento de postes para linhas de alta tensão. Às «Relações Públicas» incumbe prever ataques desta natureza, estudá-los convenientemente, procurando esclarecer e informar, com verdade, os factos e reduzindo os argumentos apresentados às devidas proporções.

Por outro lado, sabemos que as necessidades de energia nos próximos decénios só poderão ser satisfeitas, em grande parte, pela respectiva produção em centrais nucleares. Infelizmente, esta forma de produção de energia eléctrica não goza de popularidade, sobretudo porque o público duvida da segurança de tais centrais e põe reticências aos eventuais efeitos

nocivos à vida, que julga resultar do respectivo funcionamento. Aqui cabe também às «Relações Públicas» a gigantesca tarefa de informar sobre a verdade dos factos e sobre as soluções possíveis em face às exigências de energia, consciencializando devidamente e indicando, com precisão, as vantagens, os inconvenientes e os riscos das várias opções.

É uma realidade indiscutível que a procura da energia eléctrica é cada vez maior. É o que se verifica por toda a parte. Acresce que em Portugal o consumo de energia eléctrica por habitante e por ano é um dos mais baixos da Europa Ocidental. Quer isto dizer que a nossa indústria de electricidade necessita de investir fortemente, não só para satisfazer a natural evolução da procura de energia eléctrica, mas também para nos aproximarmos dos níveis das sociedades economicamente mais desenvolvidas. A realização desses investimentos obriga a indústria de electricidade a atrair os capitais necessários que hão-de provir de terceiros, sejam estas entidades públicas ou entidades particulares. Para esse efeito, as «Relações Públicas» têm um papel fundamental a desempenhar, procurando dar a imagem real da indústria, informando sobre as actividades, o seu dinamismo, os seus empreendimentos, as suas possibilidades de sucesso e o seu futuro. Se porventura a indústria está enquadrada numa empresa nacionalizada, com défice a cargo do Estado, as «Relações Públicas» terão ainda de fornecer explicações e justificações, tanto a nível político, ao Governo ou aos organismos democráticos, como também ao nível do cidadão ou do contribuinte que, ao fim e ao cabo, é quem paga a conta.

Quer se queira, quer não, a electricidade, como as outras formas de energia, vão aumentar de preço e vão aumentar consideravelmente. Mas o homem do Século XX considera como normal ter a electricidade à sua disposição, quando e onde deseja, e não faz a correlação entre o serviço recebido e o montante que por ele tem a pagar. Ora, nestas condições, vai ser preciso explicar e convencer os utentes que o preço novo corresponde ao preço justo. Esta tarefa tem de ser levada a bom termo por um departamento qualificado que, mais uma vez, nos parece ser o das «Relações Públicas».

Levantam-se também, e, em turbilhão, as ideias mais variadas sobre os novos meios de captar energia, como sejam a proveniente do aproveitamento directo da energia solar, a de proveniência geotérmica, a proveniente da corrente do Golfo e a proveniente das marés.

Torna-se necessário evitar que as pessoas corram atrás de utopias, considerando que aquelas formas de energia são remédio simples e rápido para as dificuldades actuais da indústria de electricidade e o mesmo será dizer para obter a satisfação, por meios mais puros, das necessidades da humanidade. Uma vez mais cabe às «Relações Públicas» procurar colocar, no devido lugar, as perspectivas que actualmente apresentam essas novas formas de produção de energia, informando em que pé se encontram as correspondentes investigações, esclarecendo, com exactidão, sobre as possibilidades de aplicação prática dessas energias, explicando o seu custo e comparando-o com o custo dos meios clássicos de produção.

Duma maneira geral está ainda cometido às «Relações Públicas» o trabalho de fazer com que a indústria de electricidade seja considerada — como efectivamente é — um serviço de interesse público para a maior satisfação de todos e aqui se integra a informação sobre os esforços efectivados no sentido de harmonizar as necessidades da indústria de electricidade com as regras que salvaguardam o ambiente e a ecologia.

Dado pois a crescente raridade das fontes de energia primárias, dado os aumentos dos preços, que temos vindo a presenciar, e dado a sagrada obrigação de preservar o ambiente em que vivemos, as «Relações Públicas» têm de realizar, hoje mais do que nunca, acções intensivas de informação e de promoção no sentido de evitar desperdícios de energia eléctrica, procurando ensinar como tirar rendimento, a nível óptimo, dessa energia e como melhor utilizar todos os aparelhos que tornam mais leve o dia a dia do homem.

A realidade é que na situação actual, a indústria de electricidade tem necessidade da confiança dos seus clientes, dos seus trabalhadores, dos seus financiadores, dos seus fornecedores e autoridades, numa palavra, tem necessidade da confiança da opinião pública. Para assegurá-la, a regra da verdade da imagem é imperativa e o veículo adequado para a projectar é o das «Relações Públicas».

As preocupações de economia de gastos fazem duvidar da utilidade e da necessidade das «Relações Públicas» mas a nós parece-nos — pelo exposto — que nunca foi tão necessária uma actividade dessa natureza, pois ela é, além do mais, indispensável num mundo onde tudo se tornou diálogo e o diálogo se tornou obrigatório ■